

Hidrogênio verde - Um lero-lero para os muito ricos?

by **Luiz Prado** - terça-feira, setembro 21, 2021

<https://luizprado.com.br/2021/09/21/hidrogenio-verde-um-lero-lero-para-os-muito-ricos/>

Subitamente, surgiu uma nova conversa fiada para o controle das emissões globais causadoras de mudanças climáticas: o hidrogênio verde. O marketing nesse ramo cultua a palavra verde, ainda que,co menos estardalhaço fale no hidrogênio azul que têm o gás natural como fonte primária de energia. No primeiro caso, trata-se de a "mineração" de água com a separação do H₂ do O num processo denominado eletrólise, já conhecido há tempos e que requer massivos aportes de eletricidade. "Verde" se essa eletricidade for de origem solar ou eólica.

O hidrogênio "verde" só se viabiliza com elevados créditos de carbono que, evidentemente, serão pagos ao consumidor final pela substituição de um combustível sujo por um limpo. Lá! A questão central é a de sempre: qual o benefício disso para países como o Brasil, que exportarão energia limpa e água sem a retenção de impostos locais, com a eletrólise feita em "zonas de processamento industrial"?

Além disso, alguma geração de emprego nas áreas de solar e eólica de grande porte, já amplamente dominadas por capitais estrangeiros num ciclo em que a escassez de energia no Brasil tende a se acentuar e os preços a aumentarem.

Até aí, nada de estranho se não fosse o lero-lero globalista dos países desenvolvidos que martelam o fato de que a redução das emissões de gases causadores de mudanças climáticas têm que ser feita em escala global e - apesar das imensas queimadas que por lá chamam de "incêndios florestais", por razões de política interna ou regional insistem na balela de que a Amazônia é o pulmão do mundo enquanto saqueiam os mares até mesmo com mineração de águas profundas.

Só rindo: 55% da capacidade mundial instalada no mundo operam com óleo e carvão. Essas usinas não serão desligadas e talvez nem sequer terão a sua capacidade reduzida.

Uma das partes mais divertidas desse simulacro no Brasil foi a escolha do Porto de Pecém, no Ceará, em função de sua menor distância dos mercados europeus e da teórica disponibilidade de recursos eólicos abundantes na região (teórica porque na prática os pedidos de licenciamento ambiental não avançam, ainda que sejam bem mais simples do que os de novas plataformas de petróleo)). O IBAMA cozinha em fogo brando, empurra com a barriga, convoca novos grupos de trabalho para fazer estudos, Além disso, em terra, pelo menos um grande investidor numa grande central solar em terra já deixou o Ceará em decorrência de exigências ambientais um tanto descabidas.

Uma questão fundamental, no entanto, é que o Ceará não é um estado com tanta abundância de água que possa fazer a eletrólise com folga - exceto se optar pela dessalinização que aumenta significativamente a demanda de energia elétrica... verde. Ao contrário, o estado teria que usar água da transposição do São Francisco - cara - e está sujeito a importantes ciclos periódicos de seca.

Produzirmos, aqui, de 8 GW de energia para chegarem 1,5 GW ao destino final - como os países nórdicos e a Alemanha - não parece nada sensato, sobretudo tendo em mente - repita-se - que os atuais elevados preços / subsídios para o mercado de carbono serão - como sempre foram - pagos lá, à empresa que substitui um combustível sujo por um limpo (como, aliás, sempre ocorreu no passado), até mesmo quando a Alemanha exportou indústrias "sujas" de alta intensidade energética, como foi o caso da ThyssenKrupp, instalada no Rio de Janeiro sob o codinome de Companhia Siderúrgica do Atlântico - CSA.

Certamente, vale repensar todo esse modelo de exportação de energia e de água!!

Porque transferir tecnologia para a disseminação do uso do hidrogênio verde ou azul aqui, eles não vão mesmo, não há hipótese. E nem mesmo pagar pelos créditos de carbono na origem.

Na imagem, um trem alemão movido à hidrogênio em fase de testes. Aqui, avançamos quase nada até mesmo nos sistemas de acumulação / estocagem de energias renováveis, para nem mencionar redes inteligentes e similares.